



Álvaro Márquez-Fernández (*)

Publicidade e subjetividade do espaço estético

(*) Doutor em Filosofia pela Universidade de Paris I. Diretor da revista **Teoria social y práxis latino-americana**. Vice-reitor acadêmico da Universidade de Zulia, Maracaibo, Venezuela.



RESUMO

Nossa compreensão do espaço não é somente racional, formal, experimental, mas também estética e sensível. É um modo diferente de aproximar-nos dele e de interpretarmos a realidade fenomenológica, o que está em contínuo trânsito e devir, o que é finito e mutável, através das formas transcendentais com as quais nossa consciência imaginária representa os sentidos da existência humana.

ABSTRACT

Our understanding of the world is not only rational, formal and experimental, but also esthetic and sense perceptible. A different manner of approaching and interpreting the phenomenological reality, which is in continuous transition and change, and which is finite and mutable, would be considering the transcendental forms through which our imaginary conscious represents the senses of human existence.

1. Arqueologia do sentido estético.

Não obstante suas linguagens, teorias e métodos, a Estética não reconhece qualquer limitação à espacialidade de seu objeto: este sempre é construído a partir da liberdade simbólica que produz o prazer pelo sensível (*aisthesis*). Assume a criação do espaço sem confiscos redutores de qualquer natureza, nem sequer pela forma ou pelo conteúdo das percepções sensoriais; é abertura universalizante em suas possíveis significações, sempre matizada pelas emoções que pululam em nosso imaginário arcaico. Suas verdades se originam nas experiências que, em cada setor da vida, nos estimulam a viver essa paixão com a qual o poeta, o músico ou o místico vivem os princípios mais vitais, instintivos e originais da existência, sem interesse pragmático ou cognoscitivo algum.

A consciência estética busca e tende a representar a diversidade e pluralidade da espacialidade dos objetos através de suas disposições arquitetônicas de luz, cor, som, matéria, etc., em modelos de transcendência idílica. Não há outra liberdade que seja mais desejável e necessária para reforçar a origem da obra de arte (*technê*).

O espaço estético permite-nos informar e confirmar, de um modo diferente e complementar, o juízo sintético *a priori* da razão, ao mostrar-nos o mundo como possibilidade de atuar a partir da concretização sublimada de nossos desejos. Nesse sentido, a importância de uma consciência estética dos espaços vitais pode ser entendida como liberdade espacial em seu sentido mais provável, sem determinações, portanto, livre de cânones.

Ainda que a definição clássica do que seja a Estética parta do belo com seus respectivos argumentos, não é possível continuar minimizando o conceito à teoria artística ou à filosofia da beleza. Deve-se considerar o que, sem ser belo, não deixa de ser estético (o feio, o cômico, o gracioso, o trágico, etc.). Isso aponta que, ao lado das formas clássicas da arte, existem outras formas de arte que não devem ser desvalorizadas esteticamente, de maneira que, se todo o belo é estético, nem todo o estético é belo. Isto nos permite recuperar para a Estética toda a sua etnologia e interculturalidade.

No dizer do filósofo mexicano Adolfo Sánchez Vázquez, a Estética é um modo específico de aproximar-se da realidade, vinculado a outros modos de apropriação humana do mundo e às condições históricas, sociais e culturais em que isso se dá. Tal fato nos permite considerar que a construção dos objetos estéticos está relacionada com uma genealogia da imagem como figuração do gosto e com a satisfação de diferentes tipos de subjeti-

vidades polivalentes e antitéticas. Os espaços estéticos chegam a ser polimorfos, podendo “transgredir” normas em todas as suas dimensões.

A projeção da atividade estética sobre o mundo complementa seu universo de sentido no qual as realidades, que nunca poderão ser assimiladas como neutras ou indiferentes, estão entranhadas na obra e na ação do “espírito” dos seres humanos. Por isso, os espaços estéticos são sempre, qualquer que seja sua índole, práticas significantes que também requerem ser interpretadas.

2. Publicidade do espaço estético.

A partir dos gregos, sabemos que é no público que se faz a vida da *pólis*. Nela somos cidadãos. Relacionamo-nos através do espaço político como um lugar que nos permite o encontro e o reconhecimento. É na *pólis* que o homem é livre para pensar e atuar, produzir e criar.

O público é mais que a cenografia onde acontecem os fatos: é uma verdadeira dramaturgia do fenômeno humano. Talvez seja isso o que explica o histrionismo do teatro, da poética, da filosofia e da estética grega, a saber, sua assombrosa capacidade para a representação, para a simbolização, para o argumento.

É no espaço público institucionalizado que se apresentam a existência e a compreensão do ser: o que existe e seu porquê. É o questionamento pelo *homo sapiens* e pelo *homo faber*, ou seja, o homem como sujeito pensante e como sujeito que produz. Mas é também o questionamento pela arte pelo qual a coletividade humana representa suas idéias e como fica associado, em sua diversidade, o sentido das palavras com os referentes paradigmáticos de uma época.

No espaço público, far-se-ão visíveis as formas estéticas das estruturas semióticas com as quais os códigos comportamentais da cidadania se completam e nos permitem aprofundar a verdade ou a falsidade das realidades e símbolos com os quais convivemos.

Ao converter o espaço público em *isegoria* e *ágora* (direito de exercer a palavra e espaço comum de exercício desse direito), a arquitetura comunicativa da *pólis* faz-se, de modo iniludível, estética. O momento material e concreto do diálogo de uma unidade cultural com necessidades expressivas e suas correlativas manifestações estéticas conjugam-se existencialmente.

Essa recorrência dos espaços estéticos em investir no espaço público seus signos e códigos permite-nos conjugar e articular essa magnífica simbiose entre pensamento e deleite dos objetos ou coisas, já presentes na *paidéia* grega, e que nos dá a oportunidade de relacionar, em sua complexidade, o espaço público como receptor de um espaço estético que o confirma. Os objetos estéticos atuam, com respeito ao espaço público, como constituintes de realidades representadas e/ou simbolizadas capazes de orientar e recriar as satisfações sensíveis. Tal complacência amplia o campo de tolerância contemplativa ou dissidente entre a *pólis*, a urbe, e a arquetônica dos símbolos da cultura.

No âmbito do espaço público a sublevação dos espaços estéticos vem dar maior dimensão retórica à imagem do mundo que se encarna nela e que fala e dá testemunho dos momentos de evolução de suas funções originárias. Através de qualquer ordem ou sistema estético, por mais simples que seja, podemos conseguir uma denotação-conotação dos modelos de sensibilidade que coexistem na vida social, política, mágica, religiosa, mítica, literária, etc., de uma coletividade.

Através da história e, sobretudo nesta fase final da modernidade, é no espaço público que vem a proliferar a exteriorização, a abertura, a saída do privado, do particular, do íntimo, do pessoal, do doméstico. É onde se liberta a alteridade, o outro, o diferente, gravitando nesse espaço de uma maneira cada vez mais avassaladora. Daí a idolatria da imagem pela palavra, sendo que as novas línguas perceptíveis da imagem requerem a densidade de sua expressão estética. Portanto, não se pode dar suficiente conta da *res pública*, se prescindimos de sua referência ao espaço estético, na medida em que este também nutre e qualifica o *lógos* de uma *pólis* em particular.

3. Descrição fenomenológica da subjetividade do espaço estético.

A constatação do que existe é derivada da supressão do nada. Sua realidade é produzida pela emergência do que não é ausência e que, sendo agora *ente*, percebêmo-lo pela intuição sensível de nossas consciências. Isso demonstra que a existência real do espaço está subordinada às objetivações com as quais nossa razão *eidética* organiza o caos ontológico das determinações e acidentes dos fenômenos. É pela esfera ôntica dos fenômenos que conseguimos perceber os objetos em seu processo de obje-

tivação, o que sugere a existência de um substrato que constata a recepção de tais objetos.

O espaço, assim, é concebido como conseqüência de uma ação subjetiva do conhecimento que ressalta a trama construtiva na qual a noção de espacialidade alcança características fáticas, isto é, uma estrutura material de eixos, cujos centros, bordas, vértices, hierarquiza ou modula a superfície ou o fundo, o linear e/ou vertical, o oblíquo e/ou paralelo dos objetos. O espaço é visualizado, então, como realidade possível e ainda mais visível; uma intuição pela qual o espaço se faz coexistente em relação aos objetos pensados.

É inerente ao espaço uma contemporaneidade histórica que o instala como princípio de ordem numa abstração: momento que não deixa de ser metafísico, na medida em que substantiva o intencionado, mas que outorga aos entes e objetos sua transcendência, sua possibilidade para o devir.

É pelo tempo que o espaço nos revela como doação, descobrimento do lugar dos objetos no mundo. Visto assim, o espaço é a intuição transcendental com a qual concebemos o objeto e, fora dela, nenhum objeto seria tal. Em seu momento fenomenológico, a Estética configura o objeto pela contingência de sua espacialidade e pelo universal de sua temporalidade, ou seja, o código subjetivo, com o qual conseguimos nos tornar criadores ou intérpretes de uma obra de arte em seu espaço estético particular, sempre está num movimento de translação com outro espaço e tempo. Assim sucede, por exemplo, quando buscamos uma compreensão estética da luz que se reflete em qualquer das pinturas realistas do século XVIII, ou da luz que se irradia em qualquer das pinturas impressionistas do século passado.

A história, na qual projetamos e na qual transcorre o espaço estético, responde à nossa consciência dos objetos e às intuições universais com as quais denominamos a materialidade. Para que um objeto exista esteticamente é preciso que se relacione com um sujeito concreto e com a universalidade de um inconsciente coletivo genérico.

A consciência *eidética* mostra o espaço estético como fenômeno que vem ao encontro e atende à voz do ser e, então, conjuga-se com a presença do sujeito que o recebe. Dessa maneira, realiza-se o mundo do existencial através da atualidade das metáforas com as quais se fala da realidade que designa a arte. Sem dúvida, essas características fenomenológicas de subjetividade do espaço estético, que lhe são próprias e independentes, de acordo com a constituição do objeto estético, e do qual temos uma percep-

ção concreta e singular, uma experiência irrepetível como observadores, nunca podem ficar alheias em relação à contextualidade cultural (*epoché*) que lhes dá origem.

Nosso acesso ao espaço estético subjetivo desperta o interesse pelos sentimentos, pelas paixões, pelas emoções, por um sujeito convertido em objeto através da obra da arte, sem despojá-lo de sua natureza e, sim, para recriá-lo em um eterno devir. É a autêntica experiência sensível que causa a empatia entre o gozo pelo sublime e o seu decorrente prazer.

REFERÊNCIAS

1. BROOK, J. *El espacio vacío*. Barcelona: Nexos, 1982.
2. DELEUZE, G. *Logique du sens*. Paris: Minuit, 1969.
3. FRANK, D. *Heidegger et le problème de l'espace*. Paris: Minuit, 1995.
4. HUSSERL, E. *L'idée de la phénoménologie*. Paris: Presses Univesitaires de France, 1970.
5. HUNENEM, P. *Kant, Poncairé et le problème de l'espace*. Paris: Minuit, 1995.
6. LEFEBVRE, Henri. *La reproduction de l'espace*. Paris: Anthropos, 1974.
7. MERLEAU-PONTY, M. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 1945.
8. SANCHEZ VÁSQUEZ, A. *Invitación a la estética*. México: Grijalbo, 1992.
9. SOSA, F. *Epistemología del arte*. Mérida: Venezuela, 1985.
10. VIRILO, P. *L'espace critique*. Paris: Galilée, 1984.